

Dossiê Olhares Cruzados sobre a Normalização

Os verdadeiros serão eternos: ‘Rolê’ emo e famílias alternativas em São Paulo

Eduardo Fernandes¹

Em meados dos anos 2000, entre os jovens emos da cidade de São Paulo, surgiram as famílias alternativas, redes de amigos que ganham notoriedade na cena alternativa, conferindo a seus integrantes prestígio e suporte emocional e material. Pensando na amizade como forma de interação, este artigo busca refletir sobre parentesco, sexualidade e amizades a partir dos depoimentos de integrantes dessas redes, concentrando-se nas famílias alternativas como famílias de escolha, possibilidades de inclusão na iminência da não aliança. A partir de memórias de integrantes da cena emo e das minhas próprias, além de outras fontes variadas, e dialogando com a proposta de uma etnografia *ex post facto*, discuto o emo como um conjunto de experiências individuais e coletivas de transformação do rock.

Palavras-chave: famílias de escolha, juventude, sexualidade, emocore, cidade

In the mid-2000s, among young emos in the city of São Paulo, *alternative families* emerged, networks of friends that gain notoriety in the alternative scene, giving their members prestige and emotional and material support. Thinking of friendship as a form of interaction, **The Real Ones Will Be Eternal: Rolê Emo and Alternative Families in São Paulo** seeks to reflect on kinship, sexuality, and friendships from the testimonials of members of these networks, focusing on alternative families as families of choice, possibilities of inclusion in the imminence of non-alliance. Based on the memoirs of members of the emo scene and my own, as well as other varied sources, and dialoguing with the proposal of an *ex post facto* ethnography, I discuss emo as a set of individual and collective experiences of the transformation of rock.

Keywords: families of choice, youth, sexuality, emocore, city

Espaços de rock e diversidade

Se estas paredes falassem
Se contassem cada vez que sonhei viver em outro lugar
Onde Marte ama Marte e
Vênus pode passear de mãos dadas com Vênus sem se preocupar.
— Nenê Altro, Dance of Days.

¹ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (PPGCS) da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp). Pesquisador do Grupo de Pesquisas Visuais e Urbanas (Visurb) da Unifesp. E-mail: eduardofernandessoc@gmail.com.

O trecho acima é de uma música composta e cantada por Nenê Altro, vocalista da banda paulistana *Dance of Days*. Gravada para o primeiro álbum em português do grupo, *A história não tem fim* (2001), a música “Se essas paredes falassem” é considerada um dos clássicos da virada do *hardcore*² melódico e emcore no Brasil. A letra fala do desejo homossexual e da vontade de viver em um mundo sem preconceitos, onde iguais podem se relacionar amorosamente sem medo. Recentemente, Nenê, presente na cena³ *hardcore* desde o começo dos 1990, tornou pública a sua transição de gênero, assumindo-se uma mulher trans (HAHNE, 11/11/2020). Na reportagem da revista *Vice*, “O Personal Choice fez o primeiro disco emo do Brasil” (RIBEIRO, 10/04/2017), Nenê conta um pouco da sua trajetória, falando sobre amigos e a cena *hardcore* emo nacional a partir das experiências com a banda de *hardcore* punk Personal Choice, formação anterior a sua atual *Dance of Days*. Segundo a reportagem, as pautas “políticas e individuais” estavam presentes desde os primeiros trabalhos do grupo, como certa influência do universo romântico⁴, a liberdade sexual e o veganismo.

Segundo Paul Friedland (2002), dois temas transcendem o tempo no rock: o amor e a rebelião. Entende-se por amor não somente o amor romântico, mas também o sexo, seu irmão gêmeo. Apesar de ter assumido várias formas ao longo do tempo, o sexo que aparece nas primeiras letras de rock, na década de 1950, não era qualquer um, mas o sexo/amor que não ocupava o quarto do casal das famílias brancas tradicionais, isto é, o sexo de uma juventude mais despudorada e o sexo/amor dos negros americanos. No rádio, na televisão e nos bailes, a potência do rock mudou a forma como a temática do amor e do sexo era retratada pela mídia e pela cultura popular *mainstream* de um país marcado pela tradição puritana durante a Era de Ouro do capitalismo. No campo do amor e do sexo marginal no rock, a pauta da diversidade, ainda durante a década de 1950, aparece de forma mais implícita, não sendo necessariamente falada nas letras. Entretanto, alguns dos roqueiros clássicos já falavam sobre experiências não heterossexuais em entrevistas, ou passavam as mensagens por meio de suas performances em palco, que extrapolavam certos limites dos papéis de gênero (aqueles vigentes na época). De Little Richard até o *hardcore*, o rock se

² Que poderia ser traduzido do inglês como “barra pesada” e é uma segmentação do rock mais barulhenta e de ritmo acelerado.

³ Bennett e Peterson (2004) demonstram que o conceito de “cena musical” vem sendo usado por pesquisadores para delimitar contextos de interação pelos quais produtores, músicos e fãs compartilham coletivamente seus gostos musicais comuns e se distinguem coletivamente de outros.

⁴ Raphael Bispo (2009) aproximou o universo emo ao imaginário do romantismo do século XVIII, representado pelo livro *O sofrimento do jovem Werther*, de Goethe. Werther era um jovem de temperamento artístico e extremamente sentimental que, por fim, acaba se suicidando pela sua amada, Charlotte, prometida a outro.

transformou, mas sempre tivemos na história do estilo algumas figuras que não seguiam os papéis estritos da heterossexualidade e de gênero.

Como demonstra Florence Tamagne (2013), as culturas jovens já haviam se apresentado em outras formas de embaralhamento de códigos das performances de gênero e sexualidade, como a dos *Teddy Boys* na Inglaterra dos anos 1950, formada por jovens de origem operária que se serviam de elementos da moda identificados como menos viris como sinal de rebeldia contra o status quo. Posteriormente, segundo a autora, os rapazes das culturas *mod* e *hippie*, nos anos 1960, também popularizaram certos sinais diacríticos mais típicos de certa ideia de cultura homossexual, como os cabelos compridos e as roupas mais coloridas. Mais para o final do século, dialogando com as demandas dos movimentos sociais e de grupos da cena *hardcore punk* – caracterizada por sua inclinação aos valores da masculinidade e da heterossexualidade –, surgem no mundo, nas décadas de 1980 e 1990, segmentos pró-liberdade sexual, como as bandas de *queercore*⁵ e de *riot grrl*⁶.

Esses movimentos chegaram ao Brasil sem necessariamente se adotar um rótulo. Acompanhando as tendências ocidentais, também tivemos bandas e artistas de rock que falaram direta ou indiretamente sobre suas sexualidades dissidentes – entre os mais famosos estão Cazusa, Renato Russo⁷ e Cássia Eller. Apesar de certa invisibilidade do *mainstream*, também existiram bandas *hardcore* que esbravejaram as pautas da diversidade durante aquelas duas décadas em terras tupiniquins⁸. Entre as bandas de

⁵ *Queercore* é um gênero musical geralmente associado ao *punk* e à música industrial. A palavra *queercore* vem da junção de dois termos: *queer* e *core*. O primeiro é um termo originalmente pejorativo, proveniente da língua inglesa, que significa “estranho, excêntrico, fora do eixo”. No início do século XX, a palavra foi adotada como insulto a homossexuais; atualmente, o termo é usado como uma identidade positiva para aqueles que se reivindicam como não conformes à regra cisgênera e/ou heterossexual. *Core*, por sua vez, é o radical usado por muitos segmentos que advêm do *hardcore punk*. O *queercore* se mostrou como manifestação de crítica social, contra o machismo e a homofobia no rock (DU PLESSIS e CHAPMAN, 1997).

⁶ O termo *riot grrl* é a junção da palavra *riot*, que quer dizer “revolta/motim”, e *grrl*, referente a “girl” e que quer dizer garota, ou podendo significar uma onomatopeia para grunhido ou rosnado. O *riot grrl* é um estilo descendente do *hardcore punk* anarcofeminista. As bandas desses segmentos criticavam a ordem androcêntrica predominante na sociedade em geral e, mais especificamente, no movimento *rock’n’roll*. (COSTA, RIBEIRO 2012).

⁷ Segundo Mario Luis Grangeia (2015), Renato e Cazusa costumavam tratar o tema da sexualidade de formas distintas. Cazusa sempre falou abertamente sobre a sua sexualidade entre os seus mais chegados. Já Renato Russo sofreu muito para entender a sua não heterossexualidade (por vezes declarada como bissexualidade, por outras como homossexualidade). O jovem de Brasília, em entrevista, diz só ter ficado em paz com a questão, tendo o derradeiro *coming out*, quando visitou redutos *queers* em Nova York e São Francisco. Lá, ele diz ter descoberto outras “tipologias” homossexuais, como os grupos de “musculosos, sadomasoquistas e loucos” (p. 107). Após esse contato positivo, Renato falou explicitamente sobre sua sexualidade divergente na letra da música “Meninos e meninas”, do álbum “As Quatro estações” de 1989, onde defende toda forma de amor (IDEM. p. 110). Mais tarde, gravou “*The Stonewall Celebration Concert*” em 1994, disco em inglês que comemora os 25 anos do famoso levante *queer* contra a polícia de Nova York que realizava na época batidas frequentes em uma zona boêmia..

⁸ No portal *Carvalho do Rock* é possível ler e encontrar mais fontes sobre bandas queer, não heterossexuais e pró-diversidade, seus trabalhos e eventos no Brasil e no mundo. Disponível em: <http://www.cdorock.com/p/queercore.html>

hardcore e pró-diversidade sexual, estava a Personal Choice, de Nenê Altro, que, além do som pesado, já enveredava as suas letras para o ultrarromantismo. Atualmente o Festival *Queers & Queens*, que acontece em São Paulo desde 2011, é reconhecido por reunir bandas pró-diversidade sexual e de desempenho de papéis de gênero, já tendo recebido bandas como a queer Teu Pai Já Sabe? e a feminista Dominatrix.

Por volta de 2005, um novo estilo de rock atingiu sucesso entre o público jovem das grandes cidades, a saber, o *emo*, movimento conhecido por seus adeptos caminharem junto a pautas da diversidade sexual. O termo *emo* é uma abreviação de *emocore*, que advém de *emotional hardcore*. Musicalmente, poderia dizer que se trata de um som pesado ou “*hardcore*” associado a letras emotivas ou ultrarromânticas, que falam de decepções, conquistas, amores e dores, além de apresentar certa visão de desencantamento com o mundo. O *emotional hardcore* tem sua origem nos EUA, por volta da década de 1980, como uma reposta ao *hardcore punk*, e buscava ser uma alternativa mais individualizada e sensível no movimento. O *emo* chega em várias localidades do mundo em formas e tempos diversos, sendo apropriado e ressignificado localmente, inclusive no Brasil (BISPO, 2009).

Em São Paulo, o *emo* nasce como um desdobramento da cena *hardcore* melódico, que tinha como grande espaço de fomento a casa de shows Hangar 110. Junto a esse estilo musical, o *emo* nasce como um grande empreendimento midiático de conciliação junto a tendências do *pop punk* estrangeiro. Há quem diga que o estilo foi o último movimento relevante do rock no Brasil, pelo menos comercialmente falando (CAVALCANTI, 13/07/2018). Sensação entre jovens de várias classes sociais, discutido em revistas, jornais, rádio, televisão e internet, o *emo* não só se caracterizou como um estilo musical da moda, mas também como uma estética de vida que incluía um visual andrógino (CARVALHO, 2013), a experimentação sexual e a atitude depressiva na internet e efusiva nos encontros que promoviam pela cidade (BISPO, 2010).

De certa forma, apesar de haver fãs de *emotional hardcore* no Brasil anteriormente à explosão do estilo *emo*, é possível dizer que as bandas de *hardcore* melódico correspondiam a uma geração anterior aos emos de 2005 e, por muito tempo, não gostavam de ser associadas aos novatos. A relutância se dava por muitos fatores, incluindo conflitos com a grande mídia e posturas homofóbicas. Lucas Silveira, vocalista da banda Fresno, é um dos músicos conhecidos pelo grande público que atualmente ousam comentar sobre a masculinidade tóxica e a heterossexualidade presentes na cena *hardcore* melódico/*emo* daquela época. Em uma dessas ocasiões, em matéria de 2019 para a revista *Rolling Stone* (18/11/2019), o músico

chegou a dizer que o termo emo era pejorativo, pois, na mentalidade vigente em muitos espaços do rock, ser emo significava ser considerado de alguma forma afeminado – característica muitas vezes socialmente entendida como um ponto de fragilidade de um homem. Nesse sentido, o roqueiro diz que a vulnerabilidade de um homem e da sua arte eram inversamente proporcionais à masculinidade percebida, uma ideia que ele buscou desconstruir em si mesmo ao longo desses quinze anos (*Ibid.*). Por isso, o Hangar 110 e alguns outros espaços de *hardcore* não forneciam segurança para os emos frequentarem, principalmente por serem espaços reconhecidamente marcados pela masculinidade e a heterossexualidade, valores comportamentais considerados fundamentais entre os frequentadores.

Por medo de serem considerados potenciais homossexuais, muitos roqueiros do *hardcore* melódico não gostavam de ser chamados de emos. Como afirma Tamagne (2013), o medo da homossexualidade é um sentimento sempre presente em culturas homossociais, o que leva, muitas vezes, ao reforço de posturas machistas e homofóbicas. Apesar da resistência de frequentadores de espaços roqueiros homossociais de receberem os emos, eles mesmos constituíram os seus próprios experimentos de interação não heterossexual. Segundo Rafael Bispo (2010), os *orkontros*⁹ emo na Quinta da Boa Vista, no Rio de Janeiro, foram um desses experimentos, que ele denomina “heterotopias foucaultianas”, ou seja, espaços temporários de coexistência do diverso e de inversão de normas sociais tidas como apropriadas, incluindo a sexualidade. Apesar dos momentos de suspensão da heterossexualidade, é importante dizer que, segundo o próprio autor, nem entre todos os emos as experiências não heterossexuais eram aprovadas. Como verifica, entre os emos que se consideravam “das antigas” no encontro da Quinta, era comum, pelo contrário, a postura homofóbica (*Ibid.*).

Rolê de matinê e famílias alternativas

Assim como os novatos da Quinta da Boa Vista, os emos em São Paulo também passaram a se encontrar em espaços públicos da cidade. Entre os vários encontros ocorridos em 2005, o mais conhecido foi o da Galeria do Rock¹⁰, localizada no Centro Velho da capital e reconhecida

⁹ Orkontro é um encontro presencial marcado por meio de comunidades na extinta rede social Orkut.

¹⁰ Em minha dissertação de mestrado (trabalho em andamento), reflito mais atentamente os processos de acusação no cotidiano da Galeria do Rock e as mudanças dos perfis de roqueiros em diálogo com as transformações nos mundos da arte do rock e nas culturas nas cidades pós-modernas.

como um grande pedaço roqueiro. Assim como os *orkontros* da Quinta, esses eventos tinham o intuito de oferecer um espaço de frequência de amigos para curtição, bebedeira e paquera, incluindo beijos homossexuais, o que não agradou os costumeiros frequentadores da Galeria do Rock. Após serem intimidados na Galeria, os emos circularam pela cidade buscando criar *points* seguros, geralmente junto a outros grupos afeitos ao rock. Com o decorrer do tempo, os emos foram tornando-se parte do chamado estilo moderno ou alternativo¹¹, adotado por muitos frequentadores de casas de shows na região da Rua Augusta¹².

Acompanhando a integração dos emos no mundo alternativo, um novo ciclo de festas voltadas ao público jovem emo também se estabeleceu no formato de *matinês*. Entre as *matinês* que aconteciam no centro de São Paulo destaco a *Converse Party*, o *Circuito Bubbalo*, a *Snooze* e a *The Boy Club*, todas festas itinerantes que circularam por clubes na região das ruas Augusta e Consolação e da Praça Roosevelt, que já eram exploradas pelos emos e tiveram seu auge entre 2005 e 2012. Concomitantes a elas, os *rolês*¹³ de rua também aconteciam, inclusive nas portas desses estabelecimentos e em seus arredores, antes e depois de as festas começarem. Dessa forma, o *rolê* alternativo que rolava também nas *matinês* não podia ser resumido a uma prática de boatismo; eram várias atividades de lazer que ocorriam dentro e fora de clubes, pela rua, nos meios de transporte e em outros espaços.

Entre os emos, era comum encontrar grupos de amigos que adotassem um nome para si. Raphael Bispo (2009), no Rio de Janeiro, dialogou com um grupo que se autointitulava “Realeza”, cinco amigos que se conheceram na escola e formalizaram sua identificação em torno de um nome. Todos foram apresentados uns aos outros por *Abelinha*, a mais antiga na escola. A amizade deles era descrita, pelos próprios, como uma aliança que duraria independentemente dos anos.

Nas ciências sociais, uma das maneiras de compreender alianças é por meio do parentesco, considerado um tema clássico. Segundo Silva (2010), desde a publicação de *Sistemas de consanguinidade e afinidade da família humana*, de Lewis Henry Morgan, em 1871, a antropologia vem debatendo o parentesco sob as mais diversas abordagens e

¹¹ Moderno, segundo Facchini (2008 p. 134), “é uma categoria êmica para se referir a determinado estilo, que se evidencia a partir de gostos musicais, indumentária, tipo de maquiagem, corte de cabelos, uso de modificações corporais e algumas características de comportamento. Apesar do termo geralmente não ser utilizado como autotaxi-ficação pelas pessoas que poderiam assim ser denominadas, o fato de se distinguirem por um conjunto um pouco difuso de gostos, aparências e atitudes compartilhados tem feito com que apareçam referidos como “modernos” na mídia e mesmo na literatura da academia”.

¹² Em trabalho etnográfico, Rocha (2013) dialogou com frequentadores de baladas da região do Baixo Augusta, também chamados de modernos.

¹³ *Rolê* é uma categoria nativa que indica lazer em movimento, acontecimentos em trajetos.

métodos, nos mais variados contextos. Em *As estruturas elementares do parentesco*, Claude Lévi-Strauss (1969), inspirado nas reflexões de Marcel Mauss (2003) sobre a dádiva, afirma que o parentesco é um sistema que busca definir impossibilidades e possibilidade matrimoniais, mirando uma aliança, em que o casamento é a forma como indivíduos adquirem parentes (cunhados, sogros etc.).

Dados esses primeiros estudos, muito tem se construído no sentido de superação de modelos antigos e da construção de novos que expliquem as relações de aliança e parentesco. Um pouco mais contemporaneamente, Judith Butler (2003) questiona a sustentação do casamento como estatuto legal da forma família e as elaborações do estruturalismo no que diz respeito à troca de mulheres na reprodução da cultura, em uma aproximação dos termos que Rich (1996) define como a heterossexualidade compulsória. Para Butler (*Ibid.*), diante das atuais questões de visibilidade e de buscas de direitos das mulheres e outras minorias, o debate sobre o “casamento homoafetivo” visibiliza complexidades e potências de outras possibilidades de parentesco e alianças, que não aquelas do padrão heterossexual, ou ainda, outras significações para o termo família. No caso das *famílias alternativas*, estamos falando de parentesco a partir da amizade. Michel Foucault sugere, em uma entrevista realizada em 1981 sobre a amizade como modo de vida, que muitas possibilidades de relações podem ser estabelecidas, inventadas, reinventadas, questionadas e multiplicadas a partir desse tipo de aliança (FOUCAULT, 1981). Destaca-se que o carinho, a fidelidade, o coleguismo e o companheirismo são sentimentos recíprocos poderosos na formação de amizades.

Para Kath Weston (1991), não heterossexuais tendem a formar famílias a partir da amizade, as famílias de escolha. Geralmente, estas são montadas a partir da falta de – ou da ameaça da falta de – laços que a maioria dessas pessoas sofre por parte de suas famílias biológicas/legais. Ainda segundo Weston, as famílias de escolha não devem ser interpretadas como simples substitutas para as famílias tradicionais (heterossexuais), mas como novas possibilidades de aliança. Elas podem não atender a certas expectativas de hierarquia entre “pais”, “mães” e “filhos”, nem àquelas relacionadas à diferença de idade esperada entre eles, mas podem ligar vários lares, envolver membros da família de origem e até ex-amantes (*Ibid.*, pp. 201- 206).

Jeffrey Weeks *et al.* (2001), por sua vez, definem as famílias de escolha como experimentos de vida ou relacionamentos íntimos não heterossexuais. A proposta, portanto, é proporcionar modos diferentes de viver que estão às margens das normas

sexuais dominantes em nossa cultura hegemonicamente heterossexual. Como mostram os autores, em sua descrição, as famílias de escolha priorizam aspectos de agência individual e inventividade, demonstrando escolha, autonomia pessoal e responsabilidade mútua, de cuidado e carinho, de prazer e compromisso. Para eles, o modelo de família tradicional tem mudado, demonstrando uma “crise” sem que haja necessariamente um desaparecimento de todos os seus valores, mas surgindo novas possibilidades como experimentos de vida. Entre essas possibilidades cotidianas está a amizade, que tem uma ética que envolve reciprocidade, compromisso, cuidado e confiança. Ainda segundo os autores, as amizades proveem suporte emocional e material, além de proporcionarem a afirmação de identidades e pertencimentos (*Ibid.*, pp. 51- 52).

Em todas as famílias alternativas com que estabeleci contato existiam os *pais*, as *mães* e os *filhos*, nomações mais ou menos desenhadas a partir dos momentos de fundação de uma família e da adoção de novatos. Por exemplo, no caso da família Diamond, Vanilla Diamond era filho de Guilo Diamond por ter sido adotado por ela. Como em uma relação de parentesco convencional, ao ser adotado e ganhar um pai ou uma mãe, conseqüentemente a pessoa adotada ganhava irmãos e irmãs e um sobrenome. Para além das denominações convencionais, os pais dessas famílias alternativas, apesar de não exercer grande autoridade sobre seus filhos, eram sempre entendidos como cabeças de chave para aqueles de fora do grupo, sendo muitas vezes convocados para resolver conflitos entre seus aparentados¹⁴. No caso das famílias Diamond e Rufini, duas das mais antigas do rolê emo/alternativo de São Paulo a partir de 2005, há de se dizer que boa parte de seus integrantes eram garotas e garotos homossexuais, bissexuais e simpatizantes que frequentavam as matinês alternativas¹⁵ e, por muitas vezes, sofreram a quebra do vínculo por parte de sua família biológica/legal. Nesse sentido, a família, por meio da amizade, surge como uma oportunidade de aliança para essas pessoas.

¹⁴ No clássico “Sociedade de esquina”, William Foote Whyte (2005) realizou um estudo de comunidade urbana num bairro de imigrantes irlandeses numa cidade dos EUA. Durante a pesquisa, o autor priorizou acompanhar a “gangue do Dock”, um grupo de jovens americanos filhos dos imigrantes que passavam boa parte do seu tempo numa esquina do bairro. Por meio da narrativa e do uso de diagramas, o autor demonstra como em certas situações os rapazes da esquina se relacionavam com outros grupos a partir de figuras-chave como Dock, considerado pelo autor como líder do grupo e principal interlocutor de Foote Whyte.

¹⁵ Simões *et al.* (2010) abordam os vários nichos de sociabilidades de jovens LGBT no centro de São Paulo e suas segmentações a partir de marcadores sociais da diferença como raça, gênero, sexualidade, classe e estilo. Perilo (2017), além de investigar nichos de sociabilidade juvenis e sexualidade em Campinas e São Paulo, cita também a existência de famílias LGBTs. Há que se dizer que muitos emos circulavam por outros espaços na cidade e que as famílias alternativas tinham contato com as famílias LGBTs da época, como a Uzumaki e a Moon.

Em julho de 2010, a Rede Bandeirantes exibiu, em seu programa de reportagens *A Liga*, um mosaico de matérias investigando as chamadas “tribos urbanas”¹⁶. Na reportagem, intitulada “Tribos”, a equipe da rede de televisão tenta, de forma bem-humorada e por vezes problemática, fazer uma ponte entre o espectador e o universo de interações, símbolos e práticas jovens da Região Metropolitana de São Paulo. Entre essas “tribos”¹⁷ estão aquelas constituídas por góticos, *headbangers*, grafiteiros e pichadores, punks e emos. Em certo momento da matéria, a repórter Débora Vilalba entrevista emos – ou aqueles que ela lia como tal – em sua incursão na Rua Peixoto Gomide, mais especificamente na quadra próxima ao bar da Aloca¹⁸, e na própria Rua Augusta. A jornalista entrevista integrantes da Família Diamond e lhes indaga sobre questões como estética, sexualidade, gostos musicais e, inclusive, quais seriam os critérios para alguém entrar na família. Os integrantes da família Diamond, ou simplesmente “as Diamonds”, se classificam como emos, ex-emos e alternativos. Segundo os entrevistados, para ser membro do grupo, bastava a pessoa andar com a família, ser amigo dos seus integrantes e ser *autêntico*. Como um gracejo, a repórter pede para ser adotada e é aceita (ficticiamente) como a mais nova Diamond do rolê.

Do emo ao diamante

Conheci os emos na época em que cursava o primeiro ano do ensino médio, por volta de 2005, por meio de colegas da escola. Ao longo desses 15 anos, tenho vivido junto dos emos. Este trabalho advém da minha atual pesquisa de mestrado, cujo objetivo é discutir como os emos surgiram em São Paulo, quais as suas referências e como construíram suas alianças, as interações com outros grupos e as relações que produziram com a cidade em transformação. Para isso, trato o emo como um conjunto de experiências de vida particulares e coletivas, mas não faço isso de forma conclusiva, e sim delimitando traçados de experiências, impressões e subjetividades e dialogando com os emos, hoje um pouco mais velhos.

¹⁶ Reportagem dirigida por Gonzalo Marco e Sebastián Gadea.

¹⁷ Magnani (1992) discute as origens e os usos do termo “tribos urbanas”, que aparece muito em produções midiáticas para definir grupos de jovens na cidade. Segundo o antropólogo, o termo é emprestado da etnologia e em seu contexto original é utilizado para designar alianças mais amplas. Em seu uso como metáfora, no contexto urbano, costuma-se designar grupos pequenos e mais ou menos isolados – características que se, por um lado, vão de encontro ao significado etnológico, por outro, não podem ser ditas dos grupos de jovens urbanos.

¹⁸ Bar localizado na esquina das ruas Peixoto Gomide e Frei Caneca, ao lado do Clube Aloca.

Escrito alguns anos depois do período entre a ascensão e a decadência do emo na grande mídia, este artigo se beneficia de certo distanciamento temporal e da memória de integrantes de bandas, produtores e fãs do emo, de materiais variados como reportagens, textos, filmes e de minha própria memória de experiências vividas com eles. Nesse sentido, por meu envolvimento com os emos de longa data e pela necessidade de refletir sobre a importância da memória e do tempo no trabalho etnográfico, lanço mão do método da etnografia *ex post facto*¹⁹.

Etnografia *ex post facto*, segundo Machado (2019), é uma proposta que possibilita extrapolar os limites do tempo no trabalho etnográfico. O autor parte da reflexão proposta por Peirano (2008) sobre como a definição de um campo é sempre um ato voluntário de delimitação de um intervalo de tempo, quando o etnógrafo diz “a partir de agora estou fazendo um trabalho de campo”. Questionando esse limite, o autor defende que qualquer experiência na vida do etnógrafo poderia ser usada como material de um campo definido *a posteriori*, ou campo *ex post facto* (depois do fato). Dessa forma, liberta-se a memória de experiências que no momento do acontecimento não podiam ser usadas como dados de um campo, como os fatos dramáticos, mas que depois de um tempo demandam reflexões antropológicas. Adotando essa metodologia, foi possível trabalhar as memórias de meus interlocutores junto das minhas - todas sobre um tempo em que fazer uma etnografia não era interesse meu.

No início do ensino médio em 2006, eu me identificava como gótico. Conforme fui conhecendo o estilo emo e sendo influenciado por ele, acabei agregando alguns elementos do visual, ouvindo algumas bandas e frequentando alguns dos rolês na Região Metropolitana de São Paulo. Apesar de não me autodenominar emo, durante aqueles anos, fui rotulado muitas vezes como um e agredido em diversas ocasiões. Atualmente, analisando a minha trajetória de vida, percebo que houveram muitas motivações para que eu eu negasse ser rotulado como emo. Um deles é relacionado a violência que os declarados ou parecidos com emos sofriam. Negar ser emo e ocultar sinais que pudessem remeter a eles eram táticas de muitos indivíduos para não sofrerem represálias. Como dito por Raphael Bispo, o emo foi conhecido como “um movimento que não ousa dizer o seu nome” (BISPO, 2009, p. 21). No meu caso, ser lido como emo reforçava a homofobia que eu já sofria.

¹⁹ Expressão em latim que significa “depois do fato”. É uma expressão utilizada em muitos campos, como o direito, quando se quer analisar os efeitos após um acontecimento.

Em outro artigo (FERNANDES, 2020), reflito alguns questionamentos sobre até que ponto a necessidade de ter que negar ter sido um emo na época da escola, influencia quem sou hoje, a escolha de trabalhar com o estilo, o meu envolvimento com ele e o tipo de ciência que produzo. Nesse outro trabalho, sem ter a intenção de formular uma única resposta bem-acabada sobre a complexidade da identidade, busco refletir sobre algumas possibilidades de resposta sob o projeto de desenvolvimento de uma etnografia do familiar. Como ressaltado por Gilberto Velho, refletindo Da Matta e Simmel, o pesquisador que queira investigar aqueles que estão próximos deve estar atento às diferenças e similaridades entre a sua própria visão de mundo e as de seus interlocutores. Familiaridades e exotismos fazem parte da dinâmica da construção do conhecimento e do desconhecimento: “O que sempre vemos e encontramos pode ser familiar, mas não é necessariamente conhecido e o que não vemos e encontramos pode ser exótico, mas até certo ponto conhecido” (VELHO, 2008: 127). Em outras palavras, as trajetórias de vida ente autor e seus interlocutores podem se atravessar e isso não implica em uma facilidade ou dificuldade absoluta na pesquisa, mas em precauções, responsabilidades e mudanças. Após a experiência etnográfica, modifiquei a minha visão sobre os emos e sobre mim mesmo, podendo dizer que, talvez, eu esteja caminhando entre o ser e o não ser emo desde os tempos da escola.

Frequentando os rolês com os emos, cheguei a ser gerente de uma matinê importante na cena, a Perverse ABC. Tendo amizade com muitas pessoas, também fui convidado para integrar a família Diamond, adotando o nome de rolê “Dud Diamond”. Meu contato com essa família alternativa, de forma geral, ainda é vivo, pois temos um grupo na rede social Facebook, em que hoje em dia se posta muito pouco. Por meio desse canal, também faço alguns chamamentos e dou alguns retornos sobre a pesquisa. Vale dizer que a Família Diamond nunca foi um corpo coeso; sempre houve “facções” e grupinhos menores, de forma que eu mesmo não tive grande aproximação com muitos dos integrantes da família (que hoje somam quase 40 pessoas). Não sou porta-voz da família e tenho procurado sempre realizar as minhas análises baseadas em depoimentos deliberadamente cedidos para a minha pesquisa.

Durante muitas conversas que mantive com Queen Keepy Diamond, o jovem relembrou e reavaliou suas experiências de vida a partir do entendimento do que era ser integrante da família Diamond. Keepy contou-me ter tido as suas primeiras experiências de intensa amizade com garotos da sua idade desde a infância, seus vizinhos na cidade onde mora até hoje, Rio Grande da Serra, localizada no extremo da região do Grande ABC. Os

garotos, que eram cinco, passavam tardes inteiras no seu pequeno clube, construído de forma improvisada no quintal da casa da avó de um deles. A estrutura era um pequeno barraquinho improvisado, uma mistura de ripas e brincadeiras típicas da pré-adolescência. Naquele clube, os meninos brincavam de espião e investigador, esconde-esconde e “família”. Nessa simulação de uma configuração familiar, não havia figuras femininas; era uma família de homens, com pais, tios, primos, filhos. E, geralmente, havia a regra de que os mais velhos sempre se colocavam como pais, mas os papéis iam cambiando conforme os dias.

Por vezes, os garotos praticavam o toque íntimo, explorando os primeiros impulsos sexuais, experiências corriqueiras para a idade. Os meninos partilhavam amizades tão comuns quanto qualquer outra, baseadas em confiança, compromisso e reciprocidade. O clubinho era a fortaleza do segredo, a pequena casa dos homens onde eles exercitavam os papéis da masculinidade, incluindo a dominação e a submissão. Proteger o segredo do clube era sinônimo de proteger a amizade, de proteger-se contra as ameaças do mundo lá fora, da rotulação e da punição. Nesse sentido, o pequeno barraquinho se constituía como um microcosmo em que o exercício de certos comportamentos não era contraventor, como seria se acontecesse sob as regras do lado de fora.

Negro e filho mais velho de mãe solteira, Keepy já não se sentia pertencente à família tradicional – pelo menos não a família nuclear convencional e burguesa que se vende nos comerciais de margarina. Sua família é grande e tem muitos primos, tias e tios; na época da infância, o bisavô ainda estava vivo. Aos 14 anos, ele já pensava em assumir-se como homossexual, ou sair do armário:

– Certo dia, um desses meus amigos mais velhos pediu para que eu e mais outro, que participava do clube também, fôssemos na cabana no começo da noite. Chegando lá, estavam os outros três, posicionados como se fossem advogados e juízes de um tribunal. Falaram que caso quiséssemos nos assumir era para que a gente respeitasse o nosso segredo [o outro garoto que estava como réu também queria se assumir]. O mais velho falou pra mim: “Se for real, não queremos mais vocês no clube. Essa farra vai acabar”. (Keepy, artista multimeios)

No clubinho, a ideia de Keepy assumir a sua homossexualidade fora dos limites da cabana foi recebida com extrema desaprovação. Exceto para o seu amigo que também queria sair do armário, os outros integrantes do clubinho, pelo que parece, entendiam aquelas experiências como experimentações lúdicas, e não como identidade. A confiança dos outros nele, portanto a amizade, seria quebrada ao se assumir para o mundo, pois, ao revelar-se, poderia expor o resto do grupo a suspeitas de homossexualidade. Assim, a

amizade heterossexual se mostra extremamente frágil e suscetível ao perigo do estigma da homossexualidade. Em outras palavras, o estigma homossexual é altamente contaminante; de tão forte e arraigado em nossa sociedade, consegue se impor à amizade entre pessoas que cresceram juntas. Naquele dia, Keepy e o outro garoto foram expulsos do clube e os “não-mais-amigos” lhe viraram a cara. A partir daquele momento ele percebeu que existiam limites das amizades entre as pessoas percebidas como homossexuais e aquelas que não desejam ser associadas a elas.

O jovem não chegou a se assumir diretamente para a sua família. A mãe descobriu uma carta que ele havia escrito para outro garoto, sua paixão da época. Ele contou que naquele mesmo dia da descoberta da carta, sua mãe armou uma discussão sob qualquer pretexto para que em algum momento lhe pudesse esfregar “a verdade” nas fuças. Ele não saiu do armário, foi arrastado para fora dele. Em um primeiro momento, a mãe prometeu-lhe apoio, mas seria por pouco tempo.

Hoje em dia, Keepy percebe que aos poucos foi sendo jogado para as margens da família. De filho, passou a ser um fardo. Mesmo tendo começado a trabalhar com 16 anos e tendo sido apoiado por seu avô, um dos seus grandes defensores e amigos (e dono do terreno onde se localizam as casas da família), Keepy foi ameaçado algumas vezes de ser expulso pela própria mãe. O insulto homofóbico sempre esteve presente como uma ameaça de despejo.

Em consonância com o que Weston (1991) defende, a fala de Keepy mostra como o movimento de assumir o rótulo homossexual prescreve rupturas de aliança. O jovem enfrentou a ameaça de solidão e o seu refúgio eram as músicas, a televisão e a internet. Foi lá, pela tela de computador, que ele descobriu os emos:

– Aquela coisa quadriculada, de estar triste, eu me identificava muito com isso, porque eu me sentia deslocado. E eu queria ter a minha turma também, [pensava] “eu sou como eles também, estou mal com a sociedade, com a minha família, comigo mesmo”. A partir daquilo eu comecei a usar o meu corpo para manifestar o meu sentimento. Eu queria ser transgressor também, porque eu me sentia enjaulado.

A cena emo mostrava-se como uma alternativa para Keepy, pois tinha a potência da estranheza e da não conformidade. Juntar-se aos emos era uma possibilidade de vislumbrar um futuro com aceitação de sua homossexualidade e de aliança com outros que fossem parecidos, pessoas que não o estigmatizassem por sua orientação sexual. Mas não só, o jovem também se identificava com a estética de vida dos emos, em um sentido

amplo, incluindo a visão de mundo com referências românticas, a música e o visual que os emos cultivavam. Sobre o sentimento de deslocamento, o jovem confessou:

– Às vezes eu ouvia: “Ah, você é o primeiro emo negro que eu conheço”. Eu ouvia na rua: “Você é negro, honra a sua cor”; ou ainda: “Pinta o olho de branco por que o lápis preto não aparece”. Mas eu pensava comigo, “eu já tô saindo na rua e dando a cara a tapa, mostrando como eu sou. Eu não preciso cortar o meu cabelo”. Na época, eu me sentia mais incluso entre eles [emos] do que com a comunidade negra.

Como dito pelo jovem, o cabelo alisado, cortado com uma franja e arrepiado, as roupas apertadas e o uso da maquiagem, além de marcar a identidade de emo, dava a deixa para dois tipos de ofensa: a ofensa homofóbica e a ofensa racista. Ambas ocorriam nos vários espaços em que ele frequentava e partiam tanto de emos, que prezavam por um visual que não era acessível ao rapaz negro, quanto por sua família e vizinhança, que, além de reprovarem a sua sexualidade, reprovavam também sua identidade de roqueiro²⁰.

Na escola não era diferente, o não pertencimento estava presente. Em um espaço que tende a uniformizar, Keepy era uma dissidência tratada como ameaça à ordem vigente. Certa vez, quando já tinha 15 anos, resolveu caprichar no visual: calça de cavalo justo, tênis *Converse* preto, *baby look*²¹, boné vinho modelo *trucker*²² virado para trás e a franja aparecendo, lápis de olho e cinto de rebite. Ao chegar na escola, o jovem foi vaiado incessantemente do portão para dentro. Ser emo não passava despercebido. Já na sala de aula, a intimidação e os insultos chamaram a atenção de uma professora querida, que fez questão de defendê-lo, como conta Keepy:

– Eu havia sofrido muito *bullying*. Naquele dia eu ouvi coisas como “ai como você é afeminado”. Chegaram a puxar meu boné para mostrar como meu cabelo não era tão liso assim. E eu fui pra sala de aula chorar. “Para de chorar bichinha” [me diziam]. Na sala, a professora de matemática pediu para que eu me levantasse e me apresentou na frente de todo mundo: “Isso daqui é identidade. Isso daqui é aquilo que ele quer passar o que ele é. Se ele quer se identificar como tal, deixa ele, a vida é uma só. Procurem a de vocês também”. Depois dessa fala eu me senti bem, pois era aquilo mesmo que eu tava defendendo. Mesmo assim, houve xingamentos na saída da escola. Mas eu passei a não ficar quieto. Eu acabei pegando gosto por bater boca com gente preconceituosa. Não só na escola, mas na rua também. Aquele sentimento de deslocamento não era só melancolia ou tristeza, ele também vinha como raiva.

²⁰ Essa concepção poderia ser justificada pelo movimento de embranquecimento pelo qual o rock passa desde a sua popularização na década de 1950.

²¹ Camiseta justa.

²² Estilo de boné de aba curva e tela na parte de trás.

Assim, Keepy “saiu do armário duas vezes”, a primeira como homossexual e a segunda como emo. Assumir-se era também defender seu estilo de vida, é o que podemos chamar de orgulho de si. Percebendo isso, aos poucos, ele foi adotando uma postura mais impositiva.

Na região do Grande ABC aconteciam, naquela época, alguns dos rolês de grandes proporções da cena emo, como o do Paço Municipal de Mauá, o da Praça da Moça em Diadema, o do Duque (Parque Celso Daniel) e – talvez o maior deles na época – o rolê do Mappin²³. Todos eles aconteciam nos corredores, no estacionamento e arredores do Shopping ABC, em Santo André.

– Lembra daquele meu amigo que também foi expulso do clubinho? Então, ele também era emo nessa época, só que ele era mais antenado que eu. Uma vez ele foi conhecer o rolê do Mappin e depois me mostrou a comunidade do Orkut. Fiquei encantado com o look da galera, visual *hardcore* e tal. E então eu resolvi ir junto. (...) A partir daí eu comecei a procurar o meu grupo, comecei a dar rolê fora da minha cidade e comecei a fazer amigos. Quem não gostou muito foi a minha mãe, porque eu comecei a virar noites na rua.

No rolê, Keepy sentia que poderia ser “ele mesmo” e passou a fazer muitas amizades. Amizades essas que partilhavam e construía com ele modos de vida, que antes se mostravam como caminhos para o sofrimento. A partir desse período, o jovem para de usar o seu nome de batismo no rolê e começa a ser conhecido como Queen Keepy. O nome vem da associação das palavras *queen*, rainha em inglês, e *keep*, que significa manter, também em inglês. Juntas, significam “manter-se rainha”. Os termos postos juntos não fazem muito sentido se consideradas as regras da língua oficial, porém, para o jovem, o novo nome expressava poder de sua “afeminação”. No rolê, todos, ou quase todos, tinham um apelido, uma forma de guardar sua identidade hegemônica e, ao mesmo tempo, modelar outras facetas de si. Em alguns outros casos, o nome de rolê vem de apelidos dados por outros.

Nos primeiros orkontros, por volta dos anos de 2005 e 2006, ainda não existia a família Diamond, mas alguns integrantes já frequentavam o rolê do Mappin assiduamente. Foi lá que Keepy conheceu aqueles que se tornaram seus amigos mais próximos e futuros integrantes da primeira geração da família: Kurt Urie²⁴, Rih Used²⁵ e Edy Week²⁶, os três moradores da cidade de Mauá.

²³ Mappin era o nome de uma antiga loja de departamento que ocupava o prédio.

²⁴ Urie é o sobrenome de Brendon Urie, vocalista da banda Panic! At The Disco.

²⁵ Used é uma referência à banda emo The Used.

²⁶ Edy Week nunca chegou a ser Diamond, mas foi uma figura importante para o ingresso de Keepy no rolê. Mais tarde, Edy funda a Twins Party, festa alternativa na cidade de Mauá.

Os primeiros contatos com o trio de amigos, conta Keepy, se deram no próprio rolê do Mappin, mas foi por perceber que todos os quatro tinham que fazer parte do mesmo trajeto para ir e voltar do rolê que a aproximação se intensificou. Keepy, morando em Rio Grande da Serra, tinha que pegar o trem da Companhia Paulista de Trens Metropolitanos (CPTM) que passa pela Estação de Mauá (onde os amigos embarcavam) para chegar em Santo André ou no Centro de São Paulo, onde aconteciam os orkontros. No trajeto de ir e voltar juntos, os emos compartilhavam experiências e afetos, além de garantirem a sua segurança, já que havia muita intimidação pública aos emos. Já que todos os três moravam em municípios da periferia do ABC paulista e tinham consciência da situação de violência e de precarização da proteção do Estado para com os mais pobres, a rede de amizade era também uma rede de proteção.

– Depois de um tempo em que já frequentava o rolê com elas, eu, Kurt, Viq, Prince, Rih Used, nós conhecemos um rapaz de Moema que ficava com um amigo nosso e fomos pra casa dele. Só que dessa vez foram outras pessoas também. E lá surgiu a ideia da família. A Guilo já tinha o sobrenome Diamond e fomos adotando o nome dela, mas quem inventou mesmo a família foi o Rih Used. Ele ficou como o pai e a Guilo como a mãe. (...) Mas essa hierarquia de mãe e pai não funcionava muito. Quem acabou tomando conta da família foi a Kurt. Ela que convocava muitos dos rolês e adotou muita gente. Era ela que decidia na maioria das vezes onde a gente ia, onde se encontrava e tal. A Guilo dava rolê com a Lord Magician, com a Orgastic [Sérgio, que depois entrou no reality show *Big Brother Brasil*, produzido e exibido pela TV Globo], um rolê mais aburguesado que a gente frequentava também. As Diamonds tavam em todas.

Um dos pontos importantes a ser destacado nesse trecho da fala de Keepy é a questão do uso de flexões de sujeito no feminino. Mesmo muitas das Diamonds sendo homens – andróginos ou não, homossexuais ou não –, há sempre a marcação do feminino: “as” Diamonds, como são conhecidas até hoje. Outro ponto importante a se destacar no trecho diz respeito à forma de adoção na família. Primeiramente sobre a designação de pai e mãe, as pessoas mais influentes/frequentes no rolê e que fundaram a família. Tanto Guilo como Rih Used já eram antigos na noite e partiu deles a ideia de formar o grupo. Assim, a denominação de pai e mãe mantém certa relação com o parentesco convencional, pois é a partir desses dois elementos que se criou o novo agrupamento. Entre as Diamonds, existia o lema “R.A.F. – Reals are Forever”, algo como “os verdadeiros serão eternos”. O lema da família profetizava uma amizade sem fim.

Contudo, não estamos falando de filiação biológica. A configuração de família alternativa se mostra dissidente porque pai e mãe são dois homens e porque, como

expresso na fala de Keepy, a autoridade do pai e da mãe (o pátrio poder) não é estritamente seguida. Na verdade, um dos filhos é quem, com o tempo, tem mais influência na família, o que não quer dizer que Rih Used Diamond e Guilo Diamond não tivessem importância e poder. Como mencionado, eles eram constantemente requisitados para assumir as broncas dos seus filhos. Pode-se observar, assim, que a família alternativa tem dinâmicas de poder mais complexas que as denominações de parentesco estritas indicam. Durante a sua história, algumas pessoas se tornaram grandes pivôs do rolê das Diamonds, como Uriel Diamond, Andy Diamond e Alalá Diamond.

Não existe adoção vazia, ela é sempre o trunfo daqueles que correspondem à confiança e reciprocidade do grupo. Ser adotado na família, primeiramente, diz respeito a ser reconhecido como próximo de algum integrante e se dar bem com a maioria dos membros. Caso alguém indesejado fosse adotado, alguns integrantes da família tinham o direito ao veto. Sendo integrante de uma família, o indivíduo passa a usufruir dos benefícios, como a amizade. No rolê alternativo, após a família Diamond ainda surgiram outras como as famílias Ice, Riot e Hooker. Em alguns momentos, essas famílias disputavam quem era a mais conhecida no rolê; em outros, faziam alianças. Exemplo disso foi quando o pai e a mãe da família Ice, Coelho e Naty, entraram para a família Diamond. A partir desse momento, elas se tornaram aliadas.

Abordarei um pouco mais da reciprocidade, do compromisso e do cuidado. Vejamos o seguinte trecho da fala de Keepy:

– A regra era a seguinte: se faltou uma pra entrar na boate, todas ficavam esperando até conseguir a entrada. Não podia *talaricar* [cobiçar o namorado alheio] porque era falta de respeito. A bebida era bastante compartilhada, maconha também. Agora, a cocaína funcionava num esquema diferente, era pras mais íntimas. Eu tinha a Uriel Diamond, ela era a minha amiga de pó. A Guirulhos Diamond também. Dentro do grupo existiam subgrupos que compartilhavam [a droga] entre elas.

Em um sentido de economia das substâncias, na Família Diamond a bebida era quase sempre fator de horizontalização das relações. O álcool é uma droga de consumo disseminado em nossa cultura e, particularmente entre emos, são raras as pessoas que não bebiam no rolê. Trata-se de uma droga que rende bastante: geralmente os emos compravam garrafas de cachaça ou vodka e as misturavam com refrigerante ou preparados de suco, partilhando a bebida em grupo. Além de ser de fácil acesso e render muito, o álcool é uma droga lícita e relativamente barata. Entre as Diamonds, levar bebida para o rolê era sempre

bem-visto, pois quem pensa no próximo está tendo o cuidado. Entretanto, para evitar constrangimentos, era sempre demandado que houvesse certa reciprocidade dadivosa, ou seja, em uma semana uma pessoa trazia a bebida, na semana seguinte outras traziam, e isso se sucedia. Ou então, os emos faziam um rateio dos custos e iam coletivamente comprar a bebida; de acordo com o que fosse arrecadado, escolhiam o que beberiam naquele dia. Assim, providenciar a bebida e beber em grupo significava ser convidado a partilhar experiências e entrar na roda da obrigação de dar, receber e retribuir (MAUSS, 2003). Em outras situações, quando o dinheiro era pouco, a bebida podia ser furtada no supermercado. Nessas situações, ter amigos para apoiar na ação deixava tudo mais fácil – uma vigiava, a outra furtava e uma terceira guardava a garrafa na bolsa, por exemplo.

A maconha, por sua vez, apesar de não poder ser furtada, é uma droga relativamente barata e que dá pra ser usada coletivamente nas rodinhas. Por serem, em sua maioria, moradores das periferias, as Diamonds já traziam a maconha e a cocaína de seus bairros de origem ou então organizavam caravanas para buscar. Dessa forma, era necessária toda uma construção da divisão do trabalho – quem vai buscar as drogas – e o cálculo dos custos. Assim como a maconha, o pó também não pode ser furtado, deve ser comprado e não rende muito. Além disso, trata-se de uma droga relativamente cara, principalmente para adolescentes, que em sua maioria viviam de mesadas, pequenos furtos e penação²⁷. Nesse contexto, a cocaína pode ser formadora de grupos menores, considerando custos, benefícios, confiança – de dar o dinheiro para alguém ir buscar a droga – e círculos de intimidade – “quem eu sei que tem”, “quem pode ou quer me dar” e “com quem gosto de usar”. Aqui, é possível dizer que havia várias redes colaborativas entre as Diamonds, a depender da ação coletiva que se fazia necessária e dos laços entre seus integrantes.

Como dito, em muitas situações, ter amigos e ser Diamond no rolê também significava ter proteção. Vejamos outro trecho da fala de Keepy:

– O pessoal do *skinhead*²⁸ e *hardcore* por várias vezes vinham bater na gente. A gente ficava assustado porque não éramos agressivos como eles. O que a gente ia fazer? Correr? Ir pra cima? Por ser negro eu sempre me senti como alvo fácil desse tipo de agressão.

²⁷ Penação é pedir, valer-se da caridade alheia.

²⁸ Os *skinheads* e *carecas* citados são conhecidos como *white powers*, segmentos de supremacistas. Para mais sobre os *carecas* no Brasil, há o clássico trabalho de Márcia Regina da Costa (2000), *Os carecas do subúrbio: Caminhos de um nomadismo moderno*.

Keepy, desde muito cedo já tinha se “adaptado à violência”. Apanhava por ser negro, por ser gay e por ser emo. Mas é claro, quando se apanha muito nessa vida, muitas vezes se acaba aprendendo a bater.

– Um dia nós fomos pra um Ibiras Alternative²⁹. Nesse dia ficamos até o final. Eu, a Xuxa, a Kurt e uma galera lá dentro do parque. E aconteceu de ter uma briga envolvendo uma de nós. Não lembro a razão, mas rolou de todas irem pra cima dessa pessoa. Nisso a gata apanhou pra caramba e fugiu. Nós ficamos gritando: “E não volta mais!”. A Xuxa até com um pedaço de pau tava. Isso desencadeou um hábito: a gente gostou de bater também. Fora as reações de cada um no seu bairro, de enfrentar seus próprios problemas, a gente começou a reagir no rolê e se organizar pra se defender. Era emo batendo em *punk*, em *skin*. E também era emo batendo em emo e em LGBT de outro grupo. Antes disso a gente sempre corria, inclusive de outras gays. Então nesse dia a gente decidiu começar a ir pra cima. Já que a gente sempre andava em bando, se uma era ameaçada, as outras iam pra cima também.

Estar disposto a comprar uma briga pelos amigos é uma das manifestações de reciprocidade mais fortes que se pode ter, principalmente para indivíduos que sempre tiveram que lidar com a rejeição. Comprar uma briga do outro é preservar o seu próximo. É ter o cuidado para que ele tenha sua integridade física e psicológica menos abalada. Ou seja, onde havia a ameaça da perda da aliança da família biológica/legal, por meio da família alternativa, como a Família Diamond, surge a oportunidade de se defender em conjunto, surge a nova aliança.

Mesmo nos pedaços mais territorializados por não heterossexuais, casos de violência contra essa população ainda são corriqueiros, incluindo nas ruas Peixoto Gomide e Frei Caneca. Nessa época, a “má fama” de violenta foi associada às Diamonds. As famílias são formas de pertencimento que podem garantir certa segurança, ou melhor, são possibilidades de vida para aqueles que são, desde a tenra infância, delegados à rejeição, ao abandono (ou a ameaça dele) e até à morte.

Nesse contexto de violências generalizadas que acompanham a vida desses indivíduos desde muito cedo, o uso do revide pode ser entendido, dentro de certos limites, como uma tática de resistência. Nessa linha argumentativa, não quero dizer que essas formas de agir, revidando a agressão contra outros grupos, subvertem de alguma forma a norma violenta que deu início à toda a marginalização, mas que foram formas de usar as normas violentas vigentes em certos espaços para outros fins, os fins daqueles que antes apanhavam. Dar o tapa de volta ou revidar a violência não acaba com ela, mas põe fim à

²⁹ Rolê que acontecia no Parque do Ibirapuera, nos arredores da marquise onde circulam skatistas e patinadores.

tolerância – por parte dos agredidos – à primeira violência sofrida. Se antes fugiam e baixavam a cabeça, os emos passaram a se organizar e enfrentar a ameaça juntos.

Considerações finais

Fundamentado no diálogo entre memórias de integrantes da cena emo e outras fontes variadas, apresentei neste artigo o surgimento das famílias alternativas na cena *emocore* tardia, discutindo sobre formas de vida criativas e redes de suporte para pessoas que, se antes estavam condenadas à iminência do abandono, puderam construir alianças e fazer amizades por meio de suas famílias de escolhas. A partir do retrato de vida de um integrante da Família Diamond, o texto apresentou como estar em uma família alternativa possibilitou novas oportunidades de interação, possibilidades de segurança e de garantia de vida para seus membros, em um mundo marcado pela violência como resposta à diferença.

Referências

- BENNETT, Andy; PETERSON, Richard. **Music Scenes: Local, Translocal, and Virtual**. Nashville: Vanderbilt University Press, 2004.
- BISPO, Raphael. **Jovens Werthers: Antropologia dos amores e sensibilidades no mundo emo**. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.
- BISPO, Raphael. “Os ‘emos das antigas’ e os ‘posers de emo’: identidades, conflitos e estigma na cena musical roqueira”. **Ponto Urbe** (on-line), n. 6, 2010.
- BUTLER, Judith. “O parentesco é sempre tido como heterossexual?”. **Cadernos Pagu**, n. 21 pp. 219-260, 2003.
- CARVALHO, Renata O. **A estética e a ética emo: A moda andrógina**. Trabalho apresentado no VI Congresso de Estudantes de Pós-graduação em Comunicação – Uerj/UFF/UFRRJ/PUC-RIO, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.
- COSTA, Márcia Regina da. **Os carecas do subúrbio: Caminhos de um nomadismo moderno**. São Paulo: Editora da PUC-SP, 2000.
- COSTA, Jussara Carneiro; RIBEIRO, Jéssyka Kaline Augusto. “Um jeito diferente de ser movimento: Em cena, o Riotgrrrr!”. **Anais do VI Congresso Internacional de Estudos sobre a Diversidade Sexual e de Gênero da Associação Brasileira de Estudos da Homocultura**, Salvador, 2002.
- DU PLESSIS, Michael; CHAPMAN, Kathleen. “Queercore: The Distinct Identities of Subculture”. **College Literature**, v. 24, n. 1, pp. 45-58, 1997.
- FACCHINI, Regina. **Entre umas e outras: Mulheres, (homo)sexualidades e diferenças na cidade de São Paulo**. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.
- FERNANDES, Eduardo. “Emo, eu? Reflexões sobre acusação na prática, escrita e pensamentos etnográficos”. **Pensata**, v. 9, n. 1, 2020.
- FRIEDLANDER, Paul. **Rock and Roll: Uma História Social**. Rio de Janeiro: Record, 2003.
- FOUCAULT, Michel. “De l’amitié comme mode de vie. Entrevista de Michel Foucault a R. de Ceccaty, J. Danet e J. le Bitoux”. **Gai Pied**, n. 25, pp. 38-39, 1981.
- GRANGEIA, Mario Luis. **Brasil: Cazuza, Renato Russo e a transição democrática**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. **As estruturas elementares do parentesco**. Petrópolis: Vozes, 1982.

MACHADO, Igor José de Renó. “Ethnographic Life: Method for an Ex Post Facto Anthropology”. *Anthropologica*, v. 61, n. 2, pp. 345-351, 2019.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. “Tribos urbanas: Metáfora ou categoria?”. *Cadernos de Campo*, v. 2, n. 2, pp. 49-51, 1992.

MAUSS, Marcel. “Ensaio sobre a dádiva”. In: *Sociologia e antropologia*. São Paulo: Cosac Naif, 2003, pp. 183-314.

PEIRANO, Mariza. “Etnografia, ou a teoria vivida”. *Ponto Urbe* (on-line), n. 2, pp. 1-11, 2008.

PERILO, Marcelo de Paula. “**Rolês**”, “**closes**” e “**xaxos**”: Uma etnografia sobre juventude, (homo)sexualidades e cidades. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2017.

RICH, Adrienne. Compulsory Heterosexuality and Lesbian Existence. *Signs*, v. 5, n. 4, pp. 631–660, 1980.

ROCHA, Ane Talita da Silva. **Construindo desejos e diferenças**: Uma etnografia da cena indie rock paulistana. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

SIMÕES, Júlio Assis; FRANCA, Isadora Lins and MACEDO, Marcio. “Jeitos de corpo: Cor/raça, gênero, sexualidade e sociabilidade juvenil no centro de São Paulo”. *Cadernos Pagu*, n. 35, pp. 37-78, 2010.

SILVA, Marcio Ferreira da. “1871: O ano que não terminou”. *Cadernos de Campo*, v. 19, n. 19, pp. 323-336, 2010.

TAMAGNE, Florence. “Mutações homossexuais”. In: CORBIN, Alain, COURTINE, Jean-Jacques, VIGARELLO, Georges (orgs). **História da virilidade**. Petrópolis: Vozes, 2013, pp. 424-453.

WEEKS, Jeffrey; DONOVAN, Catherine; HEAPHY, Brian. **Same Sex Intimacies: Families of Choice and Others Life Experiments**. Londres/Nova York: Routledge, 2001.

WESTON, Kath. **Families We Choose: Lesbians, Gays, Kinship**. Nova York: Columbia University Press, 1991.

WHYTE, William Foote. **Sociedade de esquina**: A estrutura social de uma área urbana pobre e degradada. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

Fontes da imprensa

CAVALCANTI, Amanda. “O emo foi o último movimento importante do rock brasileiro: O que a ascensão e queda de bandas como NX Zero, Fresno e Hateen falam sobre as mudanças que a indústria musical passou nos últimos 15 anos”. *Vice*, Noisey, 13 jul. 2018.

Disponível em: <https://www.vice.com/pt/article/wjk8gw/o-emo-foi-o-ultimo-movimento-importante-do-rock-brasileiro>

HAHNE, Stephane. “Nenê Altro, vocalista do Dance of Days, se assume mulher transexual: Cantora deu entrevista ao UOL para falar sobre a nova fase de vida”. **Tenho mais discos que amigos!**, Nacionais, 11 nov. 2020. Disponível em: <https://www.tenhomaisdiscosqueamigos.com/2020/11/11/nene-altro-mulher-transexual-entrevista/>

RIBEIRO, Eduardo. “O Personal Choice fez o primeiro disco emo do Brasil: ‘Choices’, o álbum perdido do seminal grupo de hardcore gravado em 96, está finalmente ao nosso dispor. Nenê Altro e banda falam do clima da cena à época e sobre as raízes old school do emocore”. **Vice**, 10 abr. 2017. Disponível em: <https://www.vice.com/pt/article/d7qm3k/personal-choice-primeiro-disco-emo-do-brasil>

ROLLING STONE. “Lucas, da Fresno, explica a Glenn Greenwald que o termo ‘emo é pejorativo’; entenda: O jornalista do The Intercept revelou gostar muito da banda: ‘Lucas [Silveira] é foda!’”. **Rolling Stone**, Notícia, 18 nov. 2019. Disponível em: <https://rollingstone.uol.com.br/noticia/lucas-da-fresno-explica-glenn-greenwald-que-o-termo-emo-e-pejorativo-entenda/>

Recebido em: 14/01/2020
Aprovado em: 05/08/2020